

**VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
28 a 31 de outubro de 2007 • Salvador • Bahia • Brasil**

Debates em Museologia e Patrimônio
Comunicação oral

**PROCESSOS DE GENTRIFICAÇÃO:
A (re)organização espacial nas cidades, a construção de territórios e a
questão do espaço como um sistema informacional**

***PROCESS OF GENTRIFICATION:
The (re)organization of the urban spaces, the construction of territories and
the question of the space as an informational system***

Carlos Eduardo Ribeiro Silveira (PPG-PMUS – UNIRIO, cersjf@acessa.com)

Resumo: Análise dos espaços e territórios nos centros históricos das cidades observando-se a sedimentação do fenômeno chamado ‘gentrificação’, permitindo a percepção da revalorização simbólica das cidades. O surgimento de um espaço urbano que se desenvolve dentro de um regime em acordo com a economia globalizada. O espaço - pensado além do ambiente físico, simbólico e relacional - é um lugar capaz de gerar um complexo sistema de informações. A capacidade de apreensão do espaço, pelo homem, está intrinsecamente ligada à mediação tecnológica e às diversas formas de linguagem. Ponderações sobre a construção dos territórios, sejam eles imaginados, simbólicos ou reais; definições de paisagem, algumas relações entre o homem e o meio, até chegar à elaboração de conceitos de centro e periferia. Os olhares multidisciplinares que constroem e desconstróem noções de identidade a fim de entender a inserção dos homens na sociedade e no seu território. Introdução do conceito de gentrificação e um breve histórico sobre a aplicação do termo e das dinâmicas que ocorrem para que este fenômeno seja aplicado nas grandes cidades.

Palavras-chave: Relações entre o homem e a produção do espaço. Novos lugares na ‘pós-modernidade’. Paisagem Urbana. Territórios e ambientes híbridos. Olhares transdisciplinares e identidade.

Abstract: *Analysis of the spaces and territories in the historical centers of the cities observing the construction of the called phenomenon ‘gentrification’, allowing the perception of the symbolic value of the cities. The emerging of an urban space that develops inside of a regimen in agreement with the globalized economy. The space - thought beyond the physical, symbolic and relational environment - is a place capable to generate a complex system of information. The capacity of apprehension of the space, for the man, is intrinsically attached to the technological mediation and the diverse forms of language. Reflections of the construction of territories - imagined, symbolic or real - ; definitions of landscape, some relations between man and the environment, until arriving at the elaboration of concepts of center and periphery. The multidisciplinary approaches that make and unmake identity knowledge in order to understand the insertion of the men in the society and its territory. Introduction do gentrification concept and a historical briefing on the term applications and dynamics for that this phenomenon is applied in big cities.*

Keywords: *Relations between man and the production of the space. New places in the Present time. Urban Landscape. Hybrid territories and environments. Transdisciplinares approaches and identity.*

1. Introdução

Neste trabalho proponho a análise dos espaços e territórios nos centros históricos das cidades observando-se a sedimentação do fenômeno chamado '**gentrificação**'.

No propósito de ilustrar essa argumentação, lanço mão do estudo da cidade de Barcelona, mais precisamente do bairro histórico de Ciutat Vella. Penso que tal recurso demonstra sua utilidade quando favorece a percepção da revalorização simbólica das cidades. Estas políticas tornam possíveis a instalação de serviços ou de equipamentos culturais, de lazer ou comerciais - em regiões centrais - como pode ser verificado no Mercado de Santa Caterina, em Barcelona.

O surgimento de um espaço urbano que se desenvolve dentro de um regime em acordo com a economia globalizada, gera novos pólos de crescimento capazes de atrair, graças à oferta de equipamentos para a população, camadas altamente qualificadas, com a finalidade de ocupação, dessas áreas centrais, por moradia.

O **espaço**, pensado **além do ambiente físico, simbólico e relacional**, demanda uma área de conhecimento específica e se apresenta como um **lugar** capaz de **gerar** um complexo **sistema de informações**. Desta forma, o espaço revela-se como o **resultado** de uma equação composta pelas **relações** entre os **objetos** e as **ações**, os **fluxos** e os **elementos estáticos**. A capacidade de **apreensão do espaço**, pelo homem, está intrinsecamente **ligada** à **mediação tecnológica** e às diversas **formas de linguagem**. Estas dão corpo aos mecanismos seletivos que filtram e determinam as sensações que possibilitam que o homem tome posse dos ambientes.

No primeiro momento, trato de ponderações sobre a **construção dos territórios**, sejam **imaginados, simbólicos** ou **reais**. Traço considerações que abarcam **definições de paisagem**, algumas **relações** entre o **homem e o meio**, até chegar à **elaboração de conceitos de centro e periferia**.

Em seguida, procuro trabalhar os **olhares multidisciplinares** que **constroem e desconstroem** noções de **identidade** a fim de **entender a inserção dos homens na sociedade e no seu território**.

Uma vez apreciados os conceitos de território e identidade, ficam para a terceira parte do texto, a **introdução do conceito de gentrificação** e um breve **histórico** sobre a **aplicação do termo** e das **dinâmicas** que ocorrem para que este **fenômeno** seja **aplicado nas grandes cidades**. Por fim, trago um **exemplo concreto** da aplicação das **diretrizes de gentrificação** em um **ambiente urbano** que vem sofrendo constantes **intervenções de requalificação**. É o caso de **Ciutat Vella**, em Barcelona, **bairro antigo** que foi marcado por **grandes movimentos de imigração** e é **dotado** de considerável **valor simbólico e histórico**.

2. Paisagens da cidade

A relação do ser humano com o mundo nasce através dos estímulos ou mensagens que ele recebe habitando determinado ambiente ou paisagem. Neste diálogo com seres, eventos e com o cenário que o cerca, o homem alarga sua personalidade, abraçado por volumes, formas, nuances, sons, cheiros, gostos e sensações táteis que os permite, constantemente, interagir e se expressar (mesmo que, muitas vezes, de modo inconsciente). Estes dados determinam sua vital inserção no mundo material.

Através da história, o homem tem buscado tornar mais confortável a sua existência construindo estruturas que lhe permitam intermediar seus estímulos com o meio. No mundo contemporâneo, marcadamente urbano, estes invólucros tornam-se predominantes, ultrapassando a condição de meros intermediários, já que o homem passa a maior parte de seu tempo no interior dos edifícios e dos ambientes por ele construídos, conferindo à natureza o papel de meio ambiente 'natural'. Esta determinação do homem na paisagem é definida por Cullen:

A noção de delimitação [...] distingue-se da noção de recinto [...] contrastando ‘percurso’ com ‘chegada’. A noção de delimitação corresponde à divisão da cidade linear (ruas, passagens, etc.) em porções coerentes e visualmente compreensíveis, retendo-se, no entanto, à noção de percurso. Um recinto, por outro lado, contém um mundo próprio, íntimo, virado para si próprio, estático e auto-suficiente.¹

Pode-se definir paisagem como sendo o ambiente mais geral onde estão situados os homens e as edificações que estes elaboram e nas quais vivem. Analisar esse espaço implica em considerar o entendimento de uma ‘paisagem total’ e identificá-la como sendo resultado do meio, tomando-se este tanto como referência quanto síntese das inter-relações entre os elementos da natureza. Cabe, ainda, o conceito de ‘paisagem visual’ como meio de expressão dos valores estéticos, plásticos e emocionais. Em seu conjunto, a paisagem engloba esses fatores e adiciona valores simbólicos, culturais, conteúdos estéticos e conotações envolvendo signos, o que acaba por gerar um ambiente repleto de informações que se desdobram em redes de comunicação mais ou menos complexas.

Ao tratarmos sobre a origem e conformação de uma paisagem, seja ela natural ou cultural, faz-se sempre necessário analisá-la como um ente independente do ser humano e verificar como se dá sua ressonância nos mesmos, uma vez que sua cultura, ideologia e desenvolvimento modificam em maior ou menor grau tais fatores.

2.1 Os novos lugares na ‘pós-modernidade’

Na medida em que o mundo mergulha no que, por convenção, está se chamando de pós-modernidade, cresce o interesse pelo estudo sobre a configuração dos lugares e como estes vêm sendo produzidos nesses novos tempos. Discute-se desde a elaboração de espaços determinados por um urbanismo comandado pelos ‘ambientes tematizados’ até a (re)construção dos lugares que reforçam as imagens que povoam a subjetividade; caso, por exemplo, das requalificações de áreas históricas degradadas. Aqui, torna-se particularmente interessante lançar um novo olhar nos estudos sobre o lugar, em especial, no papel cada vez mais decisivo que a subjetividade vem trazendo às eventuais releituras das bases mais clássicas do conceito.

São os ‘novos lugares’ que garantem que essa subjetividade permaneça sustentável entre os grupos humanos que lhes dá origem, ou seja, é condição que se faz necessária à consolidação dos lugares do urbanismo pós-moderno. Lugar é um componente essencial no campo do projeto arquitetônico-urbanístico. Seu maior peso quase sempre recai na participação físico-espacial que se detém nas questões projetuais. Certamente, por longo tempo, foi o *gênio do lugar* que demonstrou conter maiores potencialidades na vinculação entre sítio e a vocação de que este está impregnado para realizar certas funções próprias à arquitetura.

Em sua evolução, o conceito de lugar pendula entre a funcionalidade - que lhe cabia quando do desempenho das metas que um urbanismo modernista lhe atribuía - e uma posição que passa a nele reconhecer as manifestações associadas aos significados que os moradores de um determinado contexto atribuem às características ambientais ali presentes.

Existe um limite sutil entre a força de um lugar e aquilo que pode se tornar um símbolo dessa força. Saber reconhecer a presença do *genius loci* de que um lugar está imbuído, é o primeiro passo para conseguir fazer com que ali aflore o gênio de um lugar, materializando-o por meio de uma construção.

Existe uma estreita associação entre as esferas psicológica e física no que tange à percepção de que lugar é um espaço da cidade que se torna percebido pela população por conter significados profundos, representados por imagens referenciais fortes ao mesmo tempo individuais e coletivas². Por isso, a gênese de uma paisagem urbana acolhe um somatório de fatores que tanto se relacionam com o desenho da configuração morfológica urbana, quanto com o comportamento interativo adotado pelas pessoas na utilização dessas formas.

Esta realidade pode trazer novas perspectivas para os estudos da paisagem, como, por exemplo, a de se extrapolar a dimensão urbana, passando a indagar como se dariam as coisas numa escala regional. Ao reconhecer que, mesmo que os fenômenos sensoriais mudem de acordo com variações nas características locais, mesmo que esses fenômenos sejam sentidos individualmente e em lugares individualizados, tudo, na essência, em termos subjetivos, proviria de uma experiência adquirida em níveis regionais.

2.2 Territórios

No atlas do seu império, ó Grande Khan, devem constar tanto a Fedora de pedra quanto as pequenas Fedoras das esferas vidro. Não porque sejam igualmente reais, mas porque são todas supostas. Uma reúne o que é considerado necessário, mas ainda não o é; as outras, o que se imagina possível e um minuto mais tarde deixa de sê-lo. (CALVINO, 1990, p. 32).

Determinado grupo humano, consciente do seu espaço geográfico e que deseje deixar algum tipo de registro em relação a essa área habitada, torna-se capaz de elaborar seus limites territoriais. Cada cidadão sabe quais caminhos escolher. Por vezes, os desejos de muitos por percorrer um mesmo caminho acabam por marcá-lo. Estas trilhas vincadas também deixam seus rastros nos usuários e esse é um fenômeno recorrente na história. Reconhecer determinado espaço, qualquer seja a maneira adotada, acaba por produzir a elaboração de caminhos imaginários.

Um território pode ser percorrido tanto física quanto mentalmente, sendo necessário, para isso, instrumentos lingüísticos e visuais específicos para apoiar sua representação. Modelos originados a partir de matrizes informacionais que surgem da elaboração do leque de significados próprios desses espaços que vão além dos ambientes físicos, simbólicos e relacionais. O território mostra-se e se materializa em imagens imersas em um novelo de operações simbólicas nas quais, naturalmente, estabelece seus limites e conteúdos. As representações por mapas e croquis podem ilustrar essas formas: enquanto aqueles dão conta da ‘cartografia física’, estes codificam os limites metafóricos dos territórios que não comportam pontos precisos, uma vez que são a expressão de sentimentos subjetivos.

No panorama das cidades, é possível aceitar que seus usos possam configurar unidades territoriais passíveis de recomposição (na esfera do simbólico) e que também estejam ligados à evocação dos espaços habitados pelos cidadãos no percurso fluido da história.

Admitindo os conceitos de periferia e centro, como elucida Armando Silva: “O centro alude ao que é cêntrico e focal, ponto de vista ou de uso, com base no qual o que o rodeia, em maior ou menor distância, chamar-se-á periférico. O periférico alude ao que margeia o centro.”³, podemos observar o fluxo social da cidade e destacar que ambos, centro e periferia, também estão em constante deslocamento, nos sentidos físico e ideológico. Silva ainda elucida sobre a relação entre centralidade e poder: “O centro de poder econômico seguirá as mesmas pautas na localização de instalações, como centros bancários ou no sentido de investimento em umas ou outras áreas do aparato produtivo.”⁴

Tudo isso nos permite perceber a **cidade** como um **ambiente híbrido** (cruzamento de caminhos, histórias, percepções, arquiteturas, signos, escolhas, informações), onde a cultura, como instituição, trabalha como um grande fio que perpassa todos estes elementos. O espaço urbano comporta-se como um grande espelho do coletivo e do individual, permeável e transbordante, permitindo que todas as categorias que o constroem assumam um sentido plural.

3. Identidades

A ausência de identificação do cidadão com o seu espaço/cidade pode acontecer quando seu meio social não se reflete como o resultado de alguma expressão cultural que lhe

traga a sensação de pertencimento. O cidadão (ou sua via de expressão cultural) não se vê capaz de gerar símbolos que lhe outorguem os seus direitos.

São múltiplos e transdisciplinares os olhares que se lançam sobre a noção de identidade. A fim de corroborar algumas ponderações, partirei de conceitos utilizados por Stuart Hall⁵ e Michel Maffesoli⁶, já que ambos trabalham com os transbordamentos da noção de identidade para a noção de identificações.

Merece destaque que, no senso comum, o termo identidade é empregado, dentre outras coisas, para remeter a algo uno, acabado, coerente, coeso, linear, integral, único, original e estável (concepção Iluminista). Assimila-se a identidade como algo indestrutível. Esse parece ser o viés empregado na cotidianidade dos indivíduos comuns. Os sujeitos constroem representações de si mesmos, com a finalidade de dar sentido de linearidade ao seu existir. Aos poucos, a noção de identidade como sinônimo de completude sofre deslizamentos e começa a ser pensada como resultante de processos de interação entre sujeitos e sociedade.

Maffesoli mostra que, utilizando a identidade como base, existe uma mudança no modo de viver as relações sociais, e esta mudança é incontestável. Todos os pilares sobre os quais a Modernidade se apóia dão espaço a uma outra realidade “que é mais confusa, sensível, emocional, contornos pouco definidos e ambiente evanescente.”⁷

O autor aponta para o “eu” modulado, fragmentado, tateante, indefinido. Para ele, os tempos modernos se constroem em meio a um processo de contínua alteridade, o que o leva a defender o aspecto plural que constitui o sujeito moderno, do “eu” fragmentado, múltiplo. Cada vez que nos aproximássemos de determinado grupo ou evento social/existencial teríamos que chegar desarmados de um ‘a priori’, como a idéia de identidade (cultural, no caso), e apreendê-los como processo, como dinâmica.

Sob o prisma da complexidade, pode-se dizer que nos diversos momentos e lugares, os sujeitos realizam diferentes identificações, inclusive, opostas, contraditórias e/ou incoerentes. As identificações podem, então, ser deslocadas/projetadas em múltiplas direções. Nesse sentido, importa destacar que, de acordo com Maffesoli, está ocorrendo “um deslize progressivo da identidade em direção à identificação.”⁸ O autor opõe identidade (indivíduo) à identificação (pessoa), e postula a existência de uma dupla natureza da “individualidade de base”, sendo que a expressão pode dar-se “pela forma do ‘indivíduo’ que tem uma identidade forte e particularizada, ou perder-se num processo de pertencer a um conjunto mais vasto. Essa segunda modulação, produzindo, então, a pessoa (persona), procedendo por identificações sucessivas”⁹.

A materialização indentitária é interdepende do momento e do contexto em que se realiza, isto é, as especificidades de uma dada estrutura influenciam e potencializam uma ou outra individualidade de base. Quando advêm do pólo do pertencer, das identificações, assumem importância a pessoa e o papel “que ela é chamada a desempenhar na teatralidade geral. Coisas que induzem um jogo de máscaras de acessos imprevisíveis e de atualidade evidente”¹⁰.

Em uma perspectiva de maior complexidade, deve-se atentar para a fundamental alteração na concepção de identidade ressaltada por Hall ao afirmar que “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas.”¹¹ Essa assertiva presentifica uma ruptura definitiva com a possibilidade de a identidade ser essencial, fixa, coesa e permanente, mesmo que os indivíduos, pautados pelo senso comum, ainda se auto-referenciem como únicos.

Para Hall, melhor do que falar em identidade é falar em identificações (processos). Ele destaca que a sensação de que se possui uma identidade unificada, desde o nascimento até a morte, acontece graças ao fato de os sujeitos construírem histórias cômodas e coerentes sobre si (representações simbólicas). Procedendo assim, os sujeitos tendem a reunir os fragmentos,

as descontinuidades, os deslocamentos e a articulá-los como componentes de uma única e grande narrativa sobre o “eu”.

Fundamentalmente, é nas relações – dialógicas e dialéticas – estabelecidas com sua alteridade, que a identidade (re)constrói-se. Assim, à medida que “os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.”¹² Disso, pode-se inferir que a noção de identidade guarda estreita relação com a de possibilidade que, por sua vez, de modo geral, somente se dá a conhecer quando da sua materialização nas tensões relacionais.

Sob essa constituição, pode-se considerar que os processos identificatórios tendem a ser a expressão de um sujeito fragmentado, que atualiza uma diversidade de papéis socioculturais, muitas vezes contraditórios: “a pessoa pode ser, ao mesmo tempo, uma individualidade como em si mesma e uma parte de um ser coletivo”.¹³

Nessa medida, apresenta-se como cerne da tensão identidade-alteridade, o princípio da comparação, ou seja, nas relações cotidianas, a construção desses lugares se dá pela comparação e diferenciação. Nessa articulação simbólica, identidade e alteridade recebem sentidos socioculturais. Importa que se observe que relações de identificação mais duradouras não dependem exclusivamente da temporalidade. Antes, é provável que uma identificação momentânea seja mais intensa do que uma aderência com orientação para o temporal ou para o permanente.

Essas questões lançam luzes sobre a relação entre a ocupação do espaço pelo homem e os elementos que este elege como índices de identificação (que fortalece o corpo social a partir da sedimentação de valores), na medida em que o sujeito passa a perceber na paisagem e também no outro a continuação de sua identidade dissolvida. O essencial é o ‘estar-junto’ suscitado pela identificação. O processo de identificação, a longo prazo, faz perdurar o corpo social considerado enquanto todo. Esta situação gera um conformismo, que é, antes de tudo, tranquilizador.

4. A dinâmica de requalificação do espaço urbano e o fenômeno da gentrificação

A dinâmica do processo de urbanização nas grandes metrópoles é responsável por uma contínua reconfiguração territorial destas grandes aglomerações; aí incluídas tanto a cidade central como os núcleos urbanos componentes da região metropolitana. Boa parte das mudanças decorreu da expansão horizontal da mancha urbana e dos correspondentes processos de descentralização das atividades citadinas, a partir das forças centrífugas.

No âmbito dos mecanismos de descentralização, são bastante conhecidos e estudados os impactos que atingem a antiga ‘área central’ metropolitana, principalmente quando ela mostra-se afetada pela transição da sua estrutura, que antes contava com apenas um ‘centro’, passando para uma atual configuração policêntrica. Dentre essas conseqüências podemos destacar a deterioração funcional e física das áreas centrais urbanas que envolviam o centro financeiro-empresarial, acarretando na formação das zonas de obsolescência, comumente presentes nas grandes metrópoles mundiais.

Esse quadro sofreu profundas transformações nas últimas décadas, sobretudo nas cidades dos países desenvolvidos. A transição para uma economia globalizada causou, entre outras conseqüências, a formação de uma hierarquia entre as cidades - em nível mundial -, além da ampliação (em especial nestas cidades) dos setores de grande produtividade, ligados às atividades de gestão deste padrão de economia. A cidade, agora, está no epicentro da economia mundial.

Torna-se cada vez mais importante o papel do capital imobiliário no processo geral de produção de divisas. A crescente competição imobiliária percebida no mecanismo de atração de investimentos e de moradia para a região central das cidades, aliada à preocupação com a

preservação da memória arquitetônica fundamentam o entendimento do leque de caminhos de recuperação das áreas urbanas degradadas. Este fenômeno urbano é conhecido como renovação, revitalização, reabilitação ou requalificação.

É importante observar que existem **diferenças** entre os **termos** empregados ao se tratar de **intervenções** nos sítios históricos das **idades**. O primeiro, **renovação urbana**, é o processo de **substituição** das **formas** urbanas **existentes** por modelos **contemporâneos**. Ela pode ser **pontual**, geralmente fruto da **iniciativa privada**, ou **difusa**, assinalada pela **ação** planejada do **Estado** quando abrange uma **área ampla** e totalmente **alterada**, inclusive no tocante à sua **malha urbana**.

A etimologia do segundo termo, **revitalização**, sugere uma visão errônea sobre a área de intervenção, já que **não se trata de dar vida** a um espaço que **estava morto**, ainda que se fale da **recuperação de áreas urbanas degradadas**.

A **reabilitação** constitui um **processo integrado** de **recuperação** de uma área que se pretende **salvaguardar**, implicando no **restauro** de **edifícios** e na **revitalização** do **tecido econômico e social**, a fim de tornar a área **atrativa e dinâmica**, com **boas condições de habitabilidade**.

Já a **requalificação** engloba processos de **alteração** em uma área urbana com a idéia de lhe conferir **nova função** (ou novas funções), **diferente(s)** daquela(s) **pré-existente(s)**. Fica evidente que uma ação de gestão territorial pode, ao mesmo tempo, ter um caráter de renovação e de requalificação.

Um outro processo, conhecido como **gentrificação**¹⁴, pode **resultar** desse **conjunto** de **intervenções** possíveis em territórios urbanos **degradados**. Ele pode ser **definido**, de forma simplificada, como um **retorno** da **população** de **classe média** para a **área central** metropolitana, enquanto local de **moradia**.

Ruth Glass, socióloga inglesa, foi quem usou o termo *gentrification* pela primeira vez, no início dos anos de 1960, para denominar o processo de expulsão da população de baixa renda em certos bairros centrais da cidade, sua substituição por moradores de classe média e a renovação das moradias, transformando completamente a forma e o conteúdo social desses espaços urbanos.

A literatura atual sobre o tema ‘gentrificação’ organiza-se em duas vertentes¹⁵ de abordagem do fenômeno em questão. A primeira delas procura explicá-lo pelo ângulo do consumo do espaço urbano, claramente influenciada pela ótica da economia neoclássica, construindo seu foco de análise a partir da decisão individual de mudar-se ou não para um determinado ponto do espaço urbano. Quem muda para a área central e quem muda da área central seriam os dois questionamentos básicos. A segunda corrente estaria centrada na produção do espaço urbano, com especial atenção para agentes fundamentais como o Estado e os agentes imobiliários e para a importância do fator ‘investimento’ como propiciador de oportunidades para a ocorrência da gentrificação. A observação da engrenagem desta última tendência mostra que a gentrificação deve ser compreendida a partir de duas escalas de análise que se articulam, a global e a local. O processo em questão é claramente um fenômeno mundial, ocorrendo em cidades de diferentes países como Espanha, EUA, Canadá, Austrália, África do Sul, Japão, Argentina, França, entre outros. As explicações globais da gentrificação fazem parte da tendência de produção de um desenvolvimento desigual.

No quadro de desenvolvimento de um novo regime de acumulação nas economias em mutação, os novos pólos de crescimento correspondem, frequentemente, a espaços urbanizados capazes de atrair – graças à oferta de equipamentos urbanos para a população – camadas altamente qualificadas, solicitadas por essas novas formas de desenvolvimento, tanto nos países emergentes quanto nos industrializados. Os bairros gentrificados podem se inscrever nesses novos processos de crescimento; principalmente aqueles que permaneceram

abandonados, durante algumas décadas, e com isso, permitiram o desenvolvimento de atividades e moradias populares.

Estudar os mecanismos de gentrificação abre espaço para se discutir os efeitos dos processos de requalificação em centros antigos e desvalorizados em algumas cidades do mundo. Na ocasião de sua criação, o termo foi utilizado para explicar o repovoamento, então espontâneo, de bairros desvalorizados em Londres, por famílias de renda média. Hoje, a gentrificação deixa de ser uma ‘anomalia’ no mercado imobiliário de uma grande cidade para se desenvolver como componente de uma ampla reformulação econômica, social e política do espaço urbano. Este desenvolvimento imobiliário mostra-se como motor da expansão econômica da cidade e pode ser justificado pela criação de empregos, geração de impostos, desenvolvimento do turismo e pela construção de grandes complexos culturais.

No Brasil, começou-se a falar e implementar esta reabilitação mais tarde que nos outros países. As **diretrizes atuais** vigentes no país misturam a **requalificação** (recuperação do patrimônio e melhoria do meio ambiente), o **repovoamento** (como contraponto à expansão horizontal urbana) e os **projetos integrados** que absorvem os grandes terrenos públicos.

Esse movimento de retorno ao centro ou aos bairros (que foram relegados às atividades ligadas às classes mais populares) está ligado à possibilidade de que esses espaços urbanos sejam símbolos de diversidade cultural. A política habitacional – através de instrumentos de demanda e oferta – aparece quase sempre como a grande força geradora da reabilitação, permitindo que compradores jovens e com bom nível de instrução apareçam como o público que mais busca a região central para morar.

Como proposta de valorização simbólica do centro antigo (questão do patrimônio), a gentrificação é fator de grande peso, ao criar campo para a mobilização da cidadania e da adequação dos espaços públicos, para o convívio de todas as classes e fruição do conjunto urbano e dos monumentos.

5. O exemplo de Barcelona

[...] partes da cidade de Barcelona resistem a tornar-se uma cidade global e a perder uma identidade catalã, o que é extremamente positivo. [...] Contrapõe-se, assim, a satisfação de necessidades da população residente às necessidades impostas por outros setores e agentes sociais ligados ao turismo, à especulação imobiliária que convertem os espaços urbanos, produzidos enquanto valor de uso social, lugares de reprodução, vida cotidiana, consumo e satisfação de necessidades sociais em objetos de consumo global.¹⁶

Barcelona é a capital da Catalunha, província espanhola que tentou por várias vezes, ao longo de sua história, a conquista da soberania nacional, mas nunca obteve êxito. Esta particularidade é um dos principais pontos de partida para traçar e compreender a história do lugar até os dias de hoje.

A cidade localiza-se em posição privilegiada, considerada estratégica, por ser local de transbordo para quem se dirige aos mais tradicionais locais de veraneio da Costa Brava e também local de passagem para aqueles que vão até as estâncias de esqui dos Pirineus e do pequeno estado de Andorra. Além disso, a cidade, voltada para o Mediterrâneo, possui mais de quatro quilômetros de praia e um grande acervo arquitetônico preservado, que vai desde o estilo gótico até os séculos XIX e XX, culminando com construções contemporâneas que têm se destacado internacionalmente.

Barcelona torna-se uma cidade emblemática do urbanismo contemporâneo, sobretudo nos anos de 1990. Na verdade, este ‘urbanismo contemporâneo’, com uma linguagem renovada, presente nas novas políticas públicas e, especialmente, nos discursos de promoção das cidades, como estratégia comunicacional, é resultado, principalmente, do desenvolvimento de planos estratégicos para as cidades. Na cidade, vêem-se espaços de renovação urbana, grandes obras urbanísticas onde arquitetura desempenha papel

preponderante na consolidação dos marcos mais emblemáticos, diversificação da oferta nos circuitos culturais e de consumo e a ênfase na posição estratégica; estas são as imagens em que se baseia toda a estratégia promocional.

No Plano Estratégico de Barcelona foram, portanto, priorizadas as construções de infra-estrutura de mobilidade internas e externas, novas infra-estruturas de comunicação, grandes obras do complexo olímpico e desenho de novas áreas de centralidade. O modelo de Barcelona tem suas principais ações voltadas para o redesenho espacial da cidade face à obsolescência da infra-estrutura urbana instalada nas novas relações de produção. Nesta direção, o urbanismo ganha centralidade.

Em todo o processo, os meios de comunicação tiveram significativa importância na construção da imagem pública do prefeito Pasqual Maragall, como um grande líder, protagonista de todas as ações da prefeitura; garante a continuidade de seu planejamento (ele foi prefeito de 1982 a 1997) e a divulgação do reconhecimento internacional da cidade como modelo. Isto foi de fundamental importância para legitimar as intervenções ao longo de todos esses anos. As críticas ao modelo Barcelona podem ser apontadas a partir desse urbanismo espetáculo: prioriza obras de grande impacto e visibilidade, deixando para segundo plano a solução das carências sociais da cidade, que teriam um custo bem inferior ao que é gasto com a produção dos mega-eventos.

Os planos estratégicos de Barcelona fizeram com que o valor de troca dos espaços públicos superasse seu valor de uso. A consequência negativa é que o fenômeno da privatização desses lugares, ou simplesmente, a troca do espaço público pelo espaço privado ocorre de forma acelerada, no mesmo ritmo em que os bens culturais dão lugar aos produtos culturais. De tudo isso resulta a crítica de que se investiu muito ou de forma equivocada em projetos e intervenções de menor importância, enquanto investimentos realmente necessários não foram realizados.

Além da criação de simulacros decorrentes das intervenções pontuais que conduzem à passividade do cidadão-consumidor, a população resiste também a outro impacto negativo da inserção competitiva da cidade no mundo globalizado: o risco de ser obrigada a abrir mão da identidade local para tornar-se uma cidade global. Apesar de coexistirem os espaços destinados ao turismo e os espaços destinados à população residente, a cidade – seus equipamentos, infra-estrutura, serviços e até mesmo sua paisagem - tem sido pensada mais para o consumo do que para o simples usufruto. Dessa forma os investimentos nos locais destinados ao consumo global são maiores do que nas demais áreas. Além disso, nos espaços turísticos, os referenciais identitários da população local são gradativamente substituídos por ícones e signos globais; os investimentos nas áreas destinadas à população local têm como objetivo criar o sentimento de participação e pertencimento, visando adesão aos projetos.

5.1 Ciutat Vella

Proponho, agora, uma análise de caso: o bairro Ciutat Vella. Grande centro urbano que tem a característica de não focar sua atratividade apenas (ou, prioritariamente) em recursos naturais ou histórico-culturais e, sim, especialmente, em espaços urbanos modernizados, preservados, renovados e/ou gentrificados, e em eventos, tecnologia, qualidade de vida, entre outros. Ciutat Vella, diferente de outros bairros de Barcelona, é uma cidade completa e seu valor simbólico está em pauta. O centro antigo nunca foi completamente abandonado pelas classes médias, embora sua presença esteja restrita a lugares precisos.

No século XIX, depois da destruição das muralhas e da expansão da cidade, o aumento da densidade no centro antigo incomoda a burguesia que se desloca. Depois, nos anos de 1950 e 1960, novos imigrantes chegam à Catalunha, pois esta era uma das regiões mais industrializadas da Espanha, e se instalam no centro antigo. Os sucessivos movimentos de imigração nessa área marcaram fortemente a imagem de Ciutat Vella como uma zona

degradada onde os investimentos, tanto públicos como privados, tornaram-se raros. Os trabalhadores industriais que tiveram condições mudaram de domicílio para ficar em zonas mais próximas dos seus locais de trabalho: periferia e outras aglomerações da área metropolitana.

Durante os anos de 1980 a zona metropolitana de Barcelona concentrou mais da metade dos investimentos realizados na Catalunha. Passou de uma aglomeração massivamente industrializada para uma cidade redefinida por um forte desenvolvimento do setor de serviços.

Em 1988 foi criada a PROCIVESA, sociedade anônima de capital misto, em sua maioria público e municipal, com o objetivo de facilitar a aplicação da política de renovação. O investimento público é destinado, principalmente, ao espaço público: reabilitação/construção de praças, espaços verdes e áreas para pedestres. Já o capital privado foi direcionado para o setor de serviços e para o comércio varejista.

Ao final dos anos de 1990 pode-se assistir a uma renovação do centro, associada a um investimento de políticas públicas. Estando na área central da cidade, o bairro exerce um forte poder de atração sobre a população imigrante recentemente chegada à Barcelona. Esta zona apresenta-se heterogênea e multifuncional, abrigo de residências, os principais monumentos públicos, comércio e o principal espaço de lazer e de cultura na cidade. As medidas de ajuda à reabilitação de imóveis são insuficientes e favorecem os grandes proprietários, graças aos créditos subvencionados concedidos pelo Ministério das Obras Públicas e Urbanismo. A reabilitação dos imóveis degradados do centro de Barcelona foi realizada observando-se apenas os edifícios de qualidade reconhecida

5.1.1 O Mercado de Santa Caterina

Data do século XIX o primeiro mercado coberto de Barcelona, o Mercado de Santa Caterina. Foi implantado sobre terrenos eclesiásticos, no centro antigo da cidade, recebendo o nome do Convento e da Igreja que lá existiram anteriormente. Inaugurado em 1848, passou por uma ampliação, em 1876, com a construção de um outro mercado também coberto. O mais velho Mercado de Barcelona foi inaugurado quando a cidade ainda era cercada por muralhas e oferecia seus serviços para quase toda a cidade.

Em 1971, com a abertura do Mercabarna (destinado a ser o grande mercado público e situado mais afastado do centro histórico da cidade) ele fecha suas portas. Contudo, o espaço não foi destruído, pois uma mobilização popular que fez com que ele fosse destinado a atividades culturais, tendo em vista as reformas que se fizeram no seu entorno.

Outros mercados de Barcelona - Sant Antoni, la Barceloneta, la Concepción, Hostafrancs, por exemplo - são importantes componentes para a estruturação de bairros destinados à habitação, além de servirem como modelo para a constituição de outros, onde a primeira reivindicação dos habitantes é a existência de uma *plaza*.

A reforma completa do Mercado de Santa Caterina e do espaço público do entorno foi a primeira intervenção desde a década de 1930, quando o telhado foi refeito. Esta reforma foi afetada pelo fato de terem sido encontrados sítios arqueológicos de grande importância no local, o que acarretou em investigações que atrasaram o trabalho de restauração. Os processos de revitalização indicaram que as ruínas arqueológicas pertencem ao antigo Convento de Santa Caterina, e estas serão expostas aos visitantes do Mercado quando as obras terminarem.

O projeto final, elaborado pelo escritório dos arquitetos Enric Miralles e Benedetta Tagliabue inclui, além da restauração da própria edificação do Mercado de Santa Caterina, uma intervenção no entorno: com estacionamento para os usuários do Mercado e facilitação de moradias para idosos (aproximadamente quarenta apartamentos) próximas ao parque.

O partido que norteia este projeto, no meio um bairro central, assemelha-se a uma visão caleidoscópica e, ao mesmo tempo, híbrida da realidade. Longe de ser um corpo

unitário, este é um edifício construído com múltiplos elementos, definindo espaços de entorno. Sua fachada de maior importância é a quinta fachada: uma cobertura ondulada pensada para ser vista do alto. A reabilitação completa do Mercado de Santa Caterina é a pedra angular de uma remodelação urbanística completa de um bairro emblemático e histórico.

6. Considerações finais

Em momento recente da história, a industrialização foi a maior responsável pela transformação e pela produção do espaço urbano, gerando um fluxo migratório do campo para as cidades e das cidades pequenas para as grandes metrópoles. O que se analisa agora é de que forma a gentrificação imprime uma nova dinâmica de produção do espaço em várias localidades.

O modelo de Barcelona ilustra um exemplo de renovação mista. Após um período de iniciativa pública baseada no que se chamou de **intervenção urbanística estratégica**, os investimentos no bairro cresceram provocando a reativação do mercado imobiliário e da atividade comercial. Os indicadores da atividade econômica permanecem modestos e a segregação – que só seria evitada com o aumento de moradias populares – ronda o território de Ciutat Vella.

O poder local promove um tipo de centro urbano orientado para o consumo e estabilizado por zonas; ao passo que, em torno dos eixos centrais, já se verifica um tipo de consumo de massa, principalmente no bairro gótico, onde a oferta é muito mais específica.

As grandes metrópoles geram as decisões que organizam a política e a economia nacional e também consolidam as novas pautas culturais e de consumo que, através dos meios de comunicação, são transmitidos a toda sociedade. A junção de espetáculos, exposições artísticas, entretenimento e os elementos acumulados ao longo da história convertem a própria cidade em objeto a ser consumido. Áreas ou bairros são reorganizados transformando-se em objetos privilegiados deste consumo, na medida em que permitem uma reapropriação em direção da história da cidade e das manifestações culturais mais tradicionais.

O fluxo e a reorganização espacial nas cidades pode acontecer, também, através do processo de gentrificação, entendido como o enobrecimento de áreas deterioradas da cidade, através de intervenções e investimentos nas mesmas, visando alterar seu perfil sócio-cultural.

Referências

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. **O lugar da Arquitetura Depois dos Modernos**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Tradução Estela dos Santos Abreu, Cláudio César Santoro. 10. ed. São Paulo: Papirus, 1993.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. Tradução Silvia Mazza. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin**. 2. ed. São Paulo: USP, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Organização Sérgio Miceli. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (org.). **As cidades da cidade**. Instituto de Estudos de Assuntos Transdisciplinares (IEAT). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BUCK-MORSS, Susan. **Dialética do olhar: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens**. Tradução Ana Luiza Andrade. Belo Horizonte: Editora UFMG; Chapecó/SC: Editora Universitária Argos, 2002.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural**. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Tradução Luciano Vieira Machado. 3. ed. São Paulo, SP: Estação Liberdade; UNESP, 2006.

_____. **O Urbanismo: utopias e realidades uma antologia**. Tradução Dafne Nascimento Rodrigues. 5. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003. 360 p.

CORNELL, Elias. **A arquitetura da relação cidade-campo**. Tradução Frank Svensson. 1. ed. Brasília: Alva, 1998.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Tradução Carlos Macedo. Rio de Janeiro: Edições 70, 1983.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução Paulo Neves. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1998.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Tradução Gilson Cesar Cardoso de Souza. 20. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Brasil. **História das ruas do Rio**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2000.

GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras; PINHEIRO, Eloísa Petti. **A cidade como história: os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo**. Salvador: EDUFBA, 2004.

GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz T. da Silva, Guacira L. Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HAROUËL, Jean-Louis. **História do Urbanismo**. Tradução Ivone Salgado. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória:** arquitetura, monumentos, mídia. Tradução Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. **Scielo Brazil**. Estudos Avançados. São Paulo, n. 6, 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141989000200006&script=sci_arttext>. Acesso em: 22 jun. 2007.

KOCH, Wilfred. **Dicionário dos Estilos Arquitetônicos**. Tradução Neide Luzia de Rezende. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.

_____. **Por amor às cidades:** conversações com Jean Lebrun. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Tradução Carlos Irineu da Costa. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LIMONAD, E. Estranhos no paraíso de Barcelona. **Impressões de uma geógrafa e arquiteta brasileira residente em Barcelona**. *Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, v. X, n. 610, 25 oct. 2005. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-610.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2007.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Tradução Bertha Halpern Gurovitz. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

RIOARTE, IPP. **Corredor Cultural:** como recuperar, reformar ou construir seu imóvel. 4. ed. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2002.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra** – o corpo e a cidade na civilização ocidental. Tradução Marcos Aarão Reis. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

SMITH, N. **Desenvolvimento Desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

Notas de referência

- ¹ CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Tradução Carlos Macedo. Rio de Janeiro: Edições 70. p.108.
- ² LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ³ SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 25.
- ⁴ **Imaginários Urbanos**. Op. cit., p.25.
- ⁵ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz T. da Silva, Guacira I. Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- ⁶ MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Tradução Bertha Halpern Gurovitz. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- ⁷ Ibidem., p. 384.
- ⁸ Ibidem., p. 302.
- ⁹ Ibidem., p. 309.
- ¹⁰ Ibidem., p. 209-210.
- ¹¹ **A identidade cultural na pós-modernidade**. Op. cit., p. 12.
- ¹² **A identidade cultural na pós-modernidade**. Op. cit., p. 13.
- ¹³ **No fundo das aparências**. Op. cit., p. 350.
- ¹⁴ BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine. **De volta às cidades: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos**. Tradução Helena Menna Barreto Silva. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2006.
- ¹⁵ GOTTDIENER, M.; SMITH, N.
- ¹⁶ LIMONAD, E. Estranhos no paraíso de Barcelona. **Impressões de uma geógrafa e arquiteta brasileira residente em Barcelona**. *Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, v. X, n. 610, 25 oct. 2005. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-610.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2007.